VITRAL

Compondo a Vida

Lêda Rezende

VITRAL

Compondo a Vida

http://www.clubedeautores.com.br/

2010

A Ana Amélia Montenegro Lourenção

Com o olhar sobre o texto - o fez ato e fato.

Súmula

I - ARREDONDANDO	15
II - CONTORNANDO	19
III - TOCANDO	23
IV - ENCOSTANDO	27
V - ENXERGANDO	31
VI - ASSUMINDO	34
VII - CONFIANDO	38
VIII - INCORPORANDO	42
IX - RESGATANDO	46
X - TRADUZINDO	50
XI - SINTETIZANDO	54
XII - REMODELANDO	58
XIII - RECOMPONDO	62
XIV - ORDENANDO	66
XV - REMARCANDO	70
XVI - ESTABELECENDO	74
XVII - AVANÇANDO	78
XVIII - AQUECENDO	82

XIX - COMPROVANDO 86

XX - DETALHANDO 90

XXI - REINTEGRANDO 94

XXII - FLORESCENDO 98

XXIII - DESMANCHANDO 102

XXIV - PLANEJANDO 106

XXV - RETOMANDO 110

XXVI - PARTICIPANDO 114

XXVII - SINTONIZANDO 118

XXVIII - IDENTIFICANDO 122

XXIX - CORRESPONDENDO 126

XXX - ACOMPANHANDO 130

XXXI - CONCORDANDO 134

XXXII - EXPERIMENTANDO 138

XXXIII - DESAMASSANDO 142

XXXIV - CONFUNDINDO 146

XXXV - EMBALANDO 150

XXXVI - COLORINDO 154

XXXVII - EXPRESSANDO 158

XXXVIII - MIRANDO 162

XXXIX - DECODIFICANDO 166

XL - DESORDENANDO 170

XLI - PARTILHANDO 174

XLII - ACENANDO 178

XLIII - NOMEANDO 182

XLIV - REPOUSANDO 186

XLV - CONFIANDO 190

XLVI - DEFININDO 194

XLVII - SINCRONIZANDO 199

XLVIII - CAMINHANDO 203

XLIX - ARRUMANDO 207

L - VISUALIZANDO 211

LI - ACELERANDO 215

LII - DECIFRANDO 220

LIII - PROJETANDO 225

LIV - AMPLIANDO 230

LV - ESTRUTURANDO 234

LVI - COMPARTILHANDO 239

LVII - DESPERTANDO 243

LVIII - DELIMITANDO 248

LIX - ACALENTANDO 252

LX - CELEBRANDO 257

LXI - ENRAIZANDO 262

LXII - EDITANDO 267

LXIII - REITERANDO 272

LXIV - CATALOGANDO 277

LXV - ELABORANDO 281

LXVI - EDIFICANDO 286

LXVII - ESBARRANDO 291

LXVIII - ENCONTRANDO 296

LXIX - APONTANDO 301

LXX - ALCANÇANDO 306

LXXI - MAPEANDO 311

LXXII - LOCALIZANDO 315

LXXIII - TESTEMUNHANDO 320

PREFÁCIO

A escritura de Lêda Rezende surpreende: tessitura envolvente entremeando os fios das palavras, aos modos de um processo analítico, onde os sentidos se desvelam em suas multiplicidades, fazendo-se novos à cada relato.

E a história começa, ou melhor, as histórias começam, entrelaçando-se umas às outras: um precisar, um desalojar-se em resposta ao convite vindo de um outro mundo. A viagem, a assunção de um provável lugar num canto diferente daquele do qual, até então, nunca se havia saído.

A teia narrativa vai se engendrando em forma de enigma lançado adiante, até ser retomado de onde nem sempre esperado. O rememorar localiza o sujeito num tempo e num espaço flutuantes, e que àquele por vezes escapa: o ontem pode ser daqui a um ano, e o que virá há muito já passou.

Nomear se faz preciso à cada momento vivido. Acarretando tomada de decisões, em atos que poderão ser revisitados, na contingência mais perfeita dos instantes seguintes, circunscritos no espaço do confronto com o estrangeiro.

A cada passagem representada vezes por um corredor, outras por uma porta ou escada, o espelho devolve a convidada a si mesma e a

refaz apta para um novo percurso, cheio de indagações e retomadas, tal qual a Alice de Lewis Carroll. Novas perplexidades aparecem, apesar de todos os cuidados e precauções que balizam seus atos mais corriqueiros.

Um espelho também se faz para o leitor, compondo-se em forma de vitral, sinalizando passagens de outra ordem, permitindo o olhar perpassado por tons distintos: o instante de ver- que pode estar num olhar para trás, e à seguir num passo à frente. O leitor é personagem, fundido à que precisa e à que se desaloja, à que descia e à que subia, à que entrava e à que saia, à que vai e à que foi.

Aos poucos o heim (lar) vai se organizando, perfumando o desconhecido de um colorido familiar e restaurador. As trocas entre uma e outra possibilitam a criação de um repertório, onde letra e melodia contam a mesma história. E tudo se encaixa como numa viagem de volta, onde se pode reencontrar o que se deixou de um outro modo, possibilitado pelo fato de ter-se permitido ir.

A solidão inesperada, motivada por uma viagem, e outros personagens chegam rompendo a idílica relação dual, exigindo nova inserção num espaço ameaçador, pois a obedecer um traçado desconhecido.
Rituais, objetos acompanhantes mesmo que imaginários, identificações, vão dando sustentação a composição da vida longe da língua materna. Pontos de ancoragem se perfazem e circunscrevem os espaços vividos, atados pelos gerúndios que proporcionam o interessante modo encontrado pela autora de promover a escansão de cada capítulo. Os estilos individuais revelam-se mais transparentes, os espaços e limites de cada personagem vão ficando mais claros e amplos à medida que a história se aproxima do seu desfecho, e a elas é permitido abandonar-se ao próprio querer, enxergar com mais

exatidão o mundo circundante, no qual se inclui o imprevisível, o inevitável, o vazio, a falta.

Lêda Rezende nos alcança, e nos dá um testemunho de extrema delicadeza e inteligência, sobre o que se pode fazer com os desafios que as mudanças nos convocam, e com o silêncio que as perdas nos evocam.

Ângela Baptista

Ângela Baptista é psicóloga e psicanalista, autora de diversos artigos em revistas especializadas, cantora e compositora.

www.agalma.com.br
www.myspace.com/angelabap

I

ARREDONDANDO

Ela precisava de ajuda. Morava em cidade de grande porte. E do referido Primeiro Mundo. Assim. Com iniciais em maiúscula. E ainda tinha uma função prioritária de chefia. Em um Banco de alto e altíssimo escalão. E de empréstimos concedidos a empréstimos impedidos - chegou a vez dela.

Não em termos de empréstimo material. Nada relacionado a juros. Muito menos a taxações. Sobre este aspecto ela sempre esteve do lado afortunado da mesa. Com outro tipo de caneta nas mãos. Até com outra firmeza nas mãos. Longe de tremores e solicitações. Enfim. Disso ela estava acima.

Mas precisava. Eis o que não há dispensa em momento algum da vida. Seja em que número de mundo for. Não importa. Sempre há esse tal de - precisar.

Fosse unir todos os avisos de - precisa-se - e mil volumes não dariam conta. Neste momento parece que o teto desaba. Ao menos o teto da auto-suficiência. Desaba e expõe os pedacinhos. Ou em pedacinhos. Para que possa ser lido sem desculpas.

Auto - suficiência não existe. Este aviso sim. Cabe na palma da mão. Não se faz necessário sequer um mínimo volume. Quando o aviso se pendura diante de algum incauto - o susto é proporcional.

Ela que nunca havia sentido a sensação - desta vez sentiu. Há sempre algum - precisar. Daria até uma letra de música. Com refrão e tudo.

Ficou pasma. Apavorada. Preocupada. Tivesse ela com uma daquelas canetas nobres nas mãos e teria - talvez - tremido. Talvez mais a caneta do que as mãos. Vai lá saber.

Mas concluiu. Preciso. Se não - impossível continuar.

Mais uma vez deu de encontro com as ideias. Não o tão intelectualizado Mundo das Ideias. Este ela também dominava. Desde sempre. Desta vez era mais conclusivo em atos e fatos que em pensamentos e elucubrações. Sem cavernas nem mitos. Sem ágapes nem encômios. Eram simplesmente as ideias do mundo - prático.

Fosse um mundo de primeira. De segunda. Reciclado até. Não importa. Pode mudar a cor da pele dos habitantes. O idioma. O sotaque. Pode vir com o mais fino gestual. Ou o mais desavisado levantar de braço. Importa menos ainda.

Uma mulher. Um Cargo. Uma Função. Perfeita em tudo. E filhos. Claramente - duas filhas. E férias escolares. Alguém tem que ficar com as crianças. Este o primeiro postulado que entendeu de uma só tacada. Sem revisão de literatura. Sem mestrados ou doutorados. Precisa-se de.

Iniciou o processo reflexivo. Quem. De onde. Por onde. Até onde. Não faltaram interrogações. Desta vez do lado dela da mesa. Para ela que vivia a responder interrogações com exclamações e pontos finais - eis uma etapa complicada a ser vencida. Poderia até dizer - aprendida. No sentido de aprendendo. Mas conseguiu. Com todas as referências positivas - contatou com ela. Residente em um Mundo já com outra numeração.

Como dizia uma avó de uma amiga. Todo ato tem sempre duas faces, menina, todo ato tem sempre duas faces.

E ai foi a vez da face do outro lado.

Morava no tal mundo de numeração desfavorável. A casa ficava num local que dificilmente chamariam de bairro. Tios. Tias. Primos. Todos

disputando o pouco ou o muito de liberdade espacial. Nem tudo é realmente como parece. E lá nada parecia com o tal realmente. Enfim. Foi convidada.

Gostaria que viesse me ajudar com as meninas. Aceitou.

Nunca havia escutado sequer outro idioma. Muito menos sentido frio. Frio de verdade. Com neve até os tornozelos. Assustaram. Imploraram. Falaram dos mil e um perigos daquele tal Mundo de numeração privilegiada. Mas ela não era de se assustar muito fácil.

Concluiu com a sabedoria do experiente. Se lá tem gente viva - por que eu não poderei também viver. E arrumou o pouco que tinha dentro de uma mala enorme. A única que conseguiu. Vai ver para caber um pouco da coragem. Esta sim - não se duvidava - transbordava.

E lá foi. Trocou de avião três vezes. As escalas e conexões eram já no tal idioma desconhecido. Mostrou papeis com números e siglas. Apontou. Fez-se de surda. Fez-se de muda. Se os surdos-mudos viajam - também poderia ser surda-muda por algumas horas.

E de conclusão em conclusão - chegou.

De um lado - lá estava ela em pé. Solta em meio ao saguão. Uma mala enorme. Vazia de pertences. Mas com excesso de feliz orgulho próprio. Vencera. Sozinha.

De outro lado - lá estava ela meio em pé. Encostada numa coluna. Uma pequena valise. Lotada de documentos. Mas com falta de feliz cumplicidade. Lutara. Sozinha.

Pela primeira vez ela se viu do outro lado da mesa. Da tal mesa do Banco. Onde ela passava todo o dito horário útil. E observava rapidamente as pessoas à espera de uma exclamação. Agora parecia uma troca. Sentiu-se do lado de quem pede. E reverenciando o lado de quem concede.

Apresentaram-se e abraçaram-se. Seguiram para casa. Antes encontrariam as meninas na escola.

Estava iniciada a nova função de uma. E a manutenção da antiga função da outra. Nevava. Cada qual parecia em estado de harmonia com os pensamentos e palavras. As obras - talvez estivessem por conta dos lados da mesa.

Uma precisou e pediu. A outra arriscou e concedeu. Ambas vivendo um inaugural em suas vidas. A ordenação dos Mundos - desconsiderada. Uma nova compreensão - construída e assimilada.

E a mesa - subitamente - pareceu ficar redonda.

II

CONTORNANDO

Nem sempre o que se imagina está tão fora do que se encontra. Foi o que ela descobriu num assomo de surpresa. Associada à alegria da fantasia - e ao toque morno da realidade.

Ali estava. Sentada. Atada. Mas se sentindo mais liberta do que nunca na vida. Olhava as nuvens como amigas próximas. Via o horizonte como fazendo parte. E escutava os sons sem entender as falas. Não importava. Importava o ato. Os complementos se fariam nascer por si mesmos. Independentes dela ou da linguagem.

A viagem tinha escalas e conexões. A companhia aérea não era nacional. Tudo assim. De uma vez só.

No tal troca-troca de avião - vai lá saber por que - resolveu intuir. Sim. Este o verbo adequado à sensação. Talvez uma solitária tentativa de se sustentar. De se localizar diante de tanto desconhecido. Em seu silêncio recém criado. Em sua coragem desde sempre brotada. Decidiu antecipar as possibilidades. Assim.

E depois de tantos intervalos longos de descida e subida - fechou um pouco os olhos. Este seria o pouso definitivo. Podia já se fazer corpo presente.

Relaxou na poltrona. Colocou as duas mãos cruzadas sobre o cinto. Contida em si mesmo. E partilhou o que os olhos criavam. E como criavam. Rabiscavam. Coloriam. Dimensionavam.

Imaginou uma cidade branca. Uma casa branca. Um ou outro galho verdinho dando a sinalização. Imaginou carros enormes. Ônibus circulando com cuidado. Pessoas mal desenhadas pelo excesso de roupas.

Mas não se deteve na cidade. Nem nas pessoas. Foi direto para dentro de casa. Entrou pela porta principal.

Viu grandes salas. Muitos móveis. Um corredor largo. No final dele - uma porta dupla. Abriu.

Era seu quarto. Tinha uma cama larga. Coberta por uma manta branca. Um tapete colorido em volta da cama. Uma mesinha oval em frente com uma toalha branca. Um pequeno sofá azul escuro oferecido numa das paredes. Um armário de duas portas. Duas portas. Até recontou. Nem imaginava o que colocaria lá dentro. O que levava caberia em meia porta. Sentiu que ergueu as sobrancelhas. Ninguém iria acreditar quando contasse.

Enfim. Isso ficaria para depois. Precisava concluir a visão. Ou a criação. Tanto faz. São partes de um mesmo contexto. Mais ou menos foi o que concluiu. E continuou.

Uma janela de vidros quadradinhos se escondia atrás de uma cortina. De tecido fino - azul clarinho. Ainda dentro do quarto notou outra porta. Esta mais estreita. Uma maçaneta de cristal. Abriu também. Dava acesso ao banheiro. De louça branca. Um armário menor descansava a pia. As torneiras eram douradas. Lindas. Imaginou quem as limpara com tanto esmero. Sentiu até uma pontinha de ciúme.

E de repente um susto. Feliz. Numa parede lateral sossegadinha e branquinha - estava uma elegante banheira.

Não se conteve. Juntou mais as mãos por sobre o cinto. E riu. Riu quando viu - a banheira. Adorava banheira. Mas nunca estivera em uma. Quando em algum filme aparecia - prometia. Um dia vou ter uma banheira. E vou ficar tanto tempo dentro dela que vou até enrugar.

Alguém a tocou. Abriu os olhos de uma vez. Quase deu um pulo. Quem se atrevia a tirá-la da banheira. E mal ela havia entrado.

A mocinha avisava que teria que descer. Não entendeu. Mostrou o papel com o escrito. Ela fez um sinal com a mão. A esta altura ela já decodificava qualquer gesto. Era para que a acompanhasse. Acompanhou. Quase olhou para trás para se despedir da banheira. Mas a seguiu - reta. E rápida.

Finalmente chegara. Havia muita gente. Mas não era desorganizado. Viu homens tensos em cabines. Ao menos assim lhe pareceram. Moviam-se pouco. Gesticulavam forte. Deu até um pouco de medo. Mas enfrentou. Estava ficando boa nisso.

Serena - foi seguindo setas. E mãos. E desenhos informativos. Já estava também experiente nisso. Desde a primeira troca. E esta era a última. Ainda bem. Pensou num segundo de respiração mais solta. Quase um suspiro.

Chegara ao destino escolhido.

Colocou-se séria diante de uma cabine. Com os documentos em mãos - já foi entregando.

Ele a olhou. Ainda mais sério. Comentou qualquer coisa. Ela continuou se mantendo surda-muda. Sentiu as pontinhas dos dedos frios.

Mas após abrir e fechar papéis - ele disse algo que ela entendeu. Ficou surpresa. Mas entendeu. Não pela fala. Muito menos pelo idioma. Entendeu pelo olhar. Pelo súbito riso. Por um possível acolhimento.

Respondeu - muito obrigada. Vou ter sim boa sorte.

Vai lá saber se era esta a intenção dele. Mas - ele - sorriu de volta.

A primeira comunicação oral fora feita sem uma palavra traduzida. Balançou a cabeça - feliz. O caminho estava certo. Só isso. E saiu. Com sua enorme mala vazia ao encontro dela que a aguardava.

Com tudo resolvido e acertado - chegaram em casa. Ela fez uma gentileza. Disse. Pode abrir. Eis a chave. Esta casa agora também é sua.

Segurou a chave fria com a mão ainda mais fria. Disfarçou o tremor e abriu a porta.

Olhou para dentro. Primeiro de si mesma. Depois da casa. Buscou um fôlego. Um riso cúmplice se fez presente. Não se sentiu tão surpreendida.

III

TOCANDO

Lá estava ela. Cansada - por certo. Agitada - por certíssimo.

A jornada fora longa. Exaustiva. O percurso teve uma dupla companhia. Havia tanto mistério quanto desvendamento. Como se cada nova descoberta - remetesse ao ocultado um segundo atrás. E vice versa. E a cada inspiração súbita acompanhava - solidário - um delicado suspirar.

Assim ficara na tal sequência de subidas e descidas. A caminho de uma nova etapa.

E no período que nem subia nem descia - observava. Lá de cima. A rota de aparente linha reta. Evitava mover mãos e pernas. Não queria muito atenção sobre si.

E concluiu que o melhor seria ficar em estado de imobilidade. Ou de mobilidade-mínima-necessária. Quase riu quando criou este novo estado. Mas não riu. Ocupava-se já em mudar o ritmo de respirar. Só. Suficiente.

Sentiu-se grata a quem inventou inspiração e suspiros. Já lhe bastava para relaxar. Àquela altura - pedia pouco. Bem pouco. Talvez o chão.

Nunca pensara o quanto era maravilhoso colocar os pés no chão. Nunca.

Até reclamava. E lembrou as queixas não tão antigas. Estou cansada de tanto ficar de pé nesta fila. Estou farta de tanto caminhar. Ainda bem que via o céu próximo. Pediu - perdão por aquelas infundadas reclamações. Imagina. Ato maravilhoso. Como nunca se dera conta disso. Agora estava com uma nova compreensão. Onde visse uma fila - iria logo se postar. E acariciaria o chão com os pés. Desta vez deu um meio sorriso. Meio. Nada de exageros.

E o trajeto prosseguia. Mesmo com trocas e sobe e desce - continuava firme. Ainda bem que não a convenceram a mudar de ideia. Sim. Desafiara conselhos. Avisos de prudência. Advertências de cunho social. Até político. Desconsiderou. Estava segura na aceitação do convite. Ainda bem. Foi o que repetiu algumas vezes. E fez um pequeno chiste. Consigo mesma. Só assim aprendera como caminhar é bom.

A rotina se fazia diante dela. Não a que ela conhecia. Mas uma nova regra estabelecida se apresentava. Na primeira vez que ela ofereceu aquela bandejinha - a timidez venceu. Recusou com precipitação. Na segunda vez - a altivez venceu. Recusou com mais intimidade. Não. Obrigada. Mas na última vez - nem pensar. Já se perdera de tanta fome. E aceitou com avidez. Comeu e respirou fundo.

Mas o tempo se fez amigo. Entre dia e noite alternados numa mesma situação - encerrou tanta inovação.

Foi o que pensou quando pegou a chave que ela lhe entregava. Quando olhou os pés no chão. Quando abriu a porta. Quando escutou - agora a casa também é sua. Finalmente chegara.

Além da tal lição sobre chão - aprendeu rapidamente mais uma.

Aprendeu sobre as ambiguidades. Aprendeu da forma mais simples possível. Não pelo dicionário. Muito menos por doses de retórica. Longe disso. Aliás - nada mais pertinente que este termo. Tudo estava mesmo muito longe. E ela tentando se sentir próxima. Primeiro dela mesma. Depois do desconhecimento - também dela mesma.

Mas enfim. Aprendeu de forma pragmática.

Não sabia se os olhos abrem as portas. Ou se as portas abrem os olhos. Mas considerou o de menos. Naquele momento não poderia fazer muitas avaliações. Ao menos não mais uma.

Apenas entendeu. Entre olhos e portas - abertos ou fechados - sempre circula uma parcialidade. Há o que se vê - e o que se quer ver.

E foi assim que viu. Que enxergou.

Já na entrada. Ao virar a chave. Ao colocar os pés do lado de dentro. Sentiu o chão. Um novo chão que ela inaugurava com tremores e arrepios. O frio de fora - e o calor de dentro. Não entendeu bem no instante em que sentiu. As temperaturas eram muitas. E muito variáveis - concluiu.

Olhou em volta.

A sala principal era ampla. Larga. Não diferia muito do que intuíra. Tinha acréscimos - digamos assim. Muitos móveis e sofás - além da tal intuição inventariante. Uma poltrona no canto esquerdo quase a fez correr e sentar. Mas ainda não. Ficou de pé.

As paredes estavam recobertas de telas. Muitas cores davam um toque quase mágico na pouca parede branca exposta.

De repente ajustou o olhar. Deu um passinho à frente. Em direção a uma específica tela.

A moldura de madeira clara continha um lindo mar azul. Um belo céu azul se destacava. E uma curva de areia arrematava aquela meia praia. Aproximou-se com delicadeza. Com cuidado para que os olhos não ofendessem a visão.

Ela riu atrás dela. E disse com suavidade. Está reconhecendo. Sim. Trouxe de lá. Quando lá estive há dois anos. É um dos meus preferidos.

Esta foi a primeira vez que sentiu de fato a distância. E se fez de corpo ausente dentro daquela sala. Diante daquele mar pincelado. Naquela casa. E naquele novo mundo.

Certa vez escutara - casualmente - um comentário. Alguém falava. Como dizia a minha avó. Só a saudade nos demonstra onde estamos, menina, só a saudade nos demonstra onde estamos.

Secou - discreta - a lágrima fria com a mão já aquecida. E continuou o percurso até o novo quarto.

IV

ENCOSTANDO

Ficou parada. Por um momento rápido. Fugidio - poderia ter assinalado algum poeta. Mas nem por isso menos marcante.

Em meio a tantos acontecimentos. A tantos movimentos. Sim. O que mais se repetiu - nesse período - foi o movimento. Saíra de lá para cá. Trocara de percurso. De idioma. De latitude. De longitude. Sentara e levantara. Subira e descera. Assim. Todo o tempo de - apenas vinte e quatro horas.

E agora estava em outro lugar. Com outra interpretação sobre relógios. Esta uma das surpresas.

Foi uma dos primeiros avisos que ela lhe dera. Logo que a encontrou no saguão. Com aquela enorme mala vazia. Primeiro foi o abraço. Em seguida falou. Acerte o horário. Aqui tem uma diferença. Seu relógio está marcando o tempo de lá. Mas estamos agora no tempo de cá. São algumas horas para menos.

Quase ficou confusa. O abraço fora num tempo. O de onde viera. A escuta fora em outro tempo. O de onde chegara. Teve a impressão de que palavras e gestos se dissociaram.

Parecia um filme. Uma miragem. Até uma alucinação. Não sabia que o mundo tinha tantos tempos. Já lhe bastava a confusão de espaços. E de idiomas. Agora mais essa. Mas acatou.

Entregou o relógio para que ela fizesse as mudanças necessárias. Para o tempo de cá. Para o tempo da chegada. Ela fez.

Olhou para o novo horário. Teve uma sensação de despedida. Mas não quis pensar sobre o fato. Nem sobre o ato. Muito menos sobre dissociações. Arquivou para mais tarde. Os arquivos estavam mais pesados que a tal enorme mala. E nada vazios. Concluiu.

Mas foi diante daquela ampla sala que veio esse - de repente.

Lembrou a professora. Uma determinada professora que lhe ensinara sobre cores. Tudo bem - esquecera de ensinar - sobre relógios. Mas vai ver não deu tempo. Quase riu.

Vai lá saber de onde saiu esta lembrança. Mas decidiu deixá-la superficializar.

Sim. Um dia a professora dissera. Lembrem-se das cores. A branca é a reunião de todas elas. O preto é a ausência de todas elas. Assim. Como preto no branco. Tentou entender - não conseguiu. Não faltaram explicações. Teve até exemplos de um tal Disco. Teve aula prática. Com esse tal Disco. Mas continuou sem entender.

E não seria ali que iria concordar. Ou entender. Mas celebrou. Foi o que mais lhe pareceu pertinente.

Olhou para fora da casa. Por uma janela que ficava na sala. Olhou como quem invade. Mas com alguma timidez. Talvez como quem - invade - e pede licença. Tudo ao mesmo tempo. Perfeito. Mas olhou.

Aquela parte do mundo estava tão branquinha. A rua. A calçada. O jardim. O alpendre. Tudo branco. Quase riu. Quem será que misturou desse jeito. Mas desconsiderou. Cansaço e relógio com fuso atualizado dão nisso. Comecei a pensar bobagem. Melhor ficar caladinha antes que me enviem de volta. E imediatamente. E lá vou eu acertar para as horas a mais. Melhor ficar quieta.

Mas impossível negar. Achou a cor branca - fosse lá um resultado do que fosse - linda. Nunca havia visto algo parecido. Muito menos fantasiado. Nem quando teve a tal intuição.

Desviou o olhar do lado de fora. E se concentrou do lado de dentro. Concentração talvez não fosse um termo muito adequado. Ao menos naquele instante.

Mas olhou o branco. E desviou o olhar. E se encontrou dentro das cores. Das telas. Da tela preferida de mar azul e semi-praia com areia. De tapetes coloridos. Notou que a casa era bem colorida. As cores em separado davam um belo efeito.

A professora também não falara sobre isso. Ensinara o conjunto. Esquecera da individualidade.

Não era mais o caso de ficar questionando. Continuou.

Os tapetes eram vermelhos. Num outro canto tinha um em tom azul forte. O sofá era de um belo azul - em veludo. Diante deste sofá - não se conteve. Mesmo se fosse ameaçada de volta. Tocou. Passou a mão pela maciez do tecido. Quentinho. E obediente. Ou quem sabe desobediente. Por onde a mão passava - a marca ficava. Consertou de um lado. Para o outro. E nada. Lá estava a sua mão fazendo presença.

Gostou disso.

Ela a acompanhava com tranquilidade. Parecia estar se divertindo com o jeito dela. De vez em quando tentava acelerar o processo. Em seguida parecia arrependida. Ou comovida. O olhar dela era de uma ingenuidade carregada de sabedoria. Como toda sabedoria. Ou como toda ingenuidade.

Enfim. Permitiu que seguisse com calma pela casa. Deixava que ela se ambientasse no próprio ritmo. Vai ver entendeu que já bastava - de novidade - o fuso horário. E permitiu o tempo dela. Dentro do tempo dela.

Ela se virou. Esperou uma continuação. Ela entendeu. E falou num tom de voz doce e acolhedora.

Vamos. Prossiga. No final do corredor está o seu atual quarto.

Pegou a mala. Teve um pensamento cansado. Ainda bem é muito maior do que cheia. E seguiu em direção à porta já aberta. Sorriu.

V

ENXERGANDO

Este já um estilo dela. Em cada encontro com o novo - uma pontuação. Olhava para trás. Assim. Uma olhadinha rápida. Mas olhava. Como se o pescoço desse a ordem. E ela obedecesse.

Nem lembrava mais quando fora a primeira vez. Ou onde fizera o aprendizado. De olhar para trás - antes de seguir em frente. Era quase um ritual. Alguém mais afoito já nomearia. É estrutural. Mas por sorte - dela - nunca conhecera este alguém mais afoito. Convivia em cumplicidade com este gestual. Não impedia. Nem exorcizava. Muito menos estimulava. Ele se apresentava - ela permitia. Assim. Uma quase nobreza.

Durante muitos anos assim agira. Ao menos pelo que registrava. Mas só há pouco tempo percebera. E notara que era quase automático.

Nada de novo perdia a olhadinha para trás. Ou seria o contrário. A olhadinha para trás é que nada perdia de novo. Vai ver era um convite. Pode vir. Ou uma dispensa. Pode ficar.

Muito complicado definir o que vai e o que fica. Eis algo que nunca se sabe verdadeiramente. Exatamente como as verdades. Nunca se sabe.

Enfim. Esta deveria ser a ordem lógica. Mas onde estava agora a lógica ficava desprendida. Ou desaprendida. Tanto da possível ordem - quanto dela mesma.

Mas houve um período que tentou estancar o tal ritual. Logo depois que o percebeu. Concluiu. Se eu sei que faço - posso não fazer.

Tentou ser pragmática. Como se regente de uma operação matemática. Buscar a origem. Quem sabe materializar. Culpar alguma professora da infância. Estava em fase de culpar professoras. Riu. Mas desta vez não conseguiu achar a responsável. A conta não fechou. A raiz nem ficou quadrada.

Desistiu. Ficou com outra escolha. Melhor aceitar. Aceitou. Incorporou e não mais se angustiou. Se é assim que assimilo o novo - que assim seja. E aprendeu - de uma vez por todas - que saber não é sinônimo de controlar.

Mas diante de tanto - estava orgulhosa de si mesma. Incrível a rapidez com que pensava e agia. Estava num instante de esquina. Sim. Assim parecia estar em pé ali. Como numa esquina. Tinha caminhado até lá. Já dobrara o ângulo. Reto. Já dera a tal olhadinha para trás. Diagonal. Agora era o perfeito momento de seguir em frente. Vertical.

Perfeito. Perfeito - poderia não ser o termo. Talvez em meio àquelas horas a menos aceitas pelo conformado relógio - buscasse um mostrador. Virou-se em direção ao rosto dela. Ela que girara os ponteiros para trás. Que mudara fusos e brincara com o tempo. Retrocedendo num adiantamento. Não lembra jamais - daí em diante - de ter se encantado tanto com o gesto de uma pessoa.

Olhando para ela - pensou. Talvez mais uma - das tais olhadas para trás. Podia ser. Estava tão bonita. Elegante. Tinha um sorriso tão solto dela mesma. Aparentava calma - e ao mesmo tempo tanta